



CONTY A-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim mensal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 12, N° 95 - Outubro de 2022

O bolsonarismo não é um acidente de percurso no capitalismo brasileiro

Nazareno Godeiro¹

Está nítido que, qualquer que seja o resultado das eleições, a polarização política se aprofundará no país. O próprio resultado, caso seja muito apertado, pode precipitar enfrentamentos de rua no dia de realização do pleito em 30 de outubro.

Estas eleições, que deveriam ser uma solução “democrática” da grave crise que o país atravessa, se potencializou ao levar a divisão que havia na superestrutura política

institucional para as ruas, dividindo ao meio a população brasileira.

Como o Ilaese vem apontando em materiais como o Anuário Estatístico², não estamos diante de uma crise superficial. Estão em curso mudanças substanciais nas relações econômicas, políticas e sociais do país. Tais processos se refletiram em mudanças qualitativas na classe dominante, isto é, na burguesia, e na classe trabalhadora.



¹ Pesquisador do Ilaese. Autor de diversos livros sobre a realidade nacional publicados pela Ed. Sundermann, como “Riqueza e pobreza no campo brasileiro” e “Neodesenvolvimentismo ou neocolonialismo: o mito do Brasil imperialista”, este em parceria com João Ricardo Soares. Organizou o volume “Revoluções e revoltas do povo brasileiro”.

² Disponível para venda em: <http://ilaese.org.br/anuario/>

De volta ao *passado*

Essa mudança substancial é produto da nova orientação do capital internacional para o Brasil (e para a América Latina) como “celeiro do mundo”, como fornecedor de alimentos, energia e matérias primas para o desenvolvimento mundial capitalista.

O Brasil, que chegou a ser o 5º país mais industrializado do mundo entre 1940 e 1985, vive a perda de sua posição como *submetrópole* industrial. Em lugar disso, se torna gradativamente uma *semicolônia* exportadora de produtos primários, levando à desindustrialização

brutal, a um salto na destruição ambiental e no desemprego generalizado.

Se trata de uma destruição das relações econômicas, sociais e políticas que predominaram no Brasil no pós-segunda guerra mundial.

O fechamento de milhares de indústrias, incluindo a saída de multinacionais do país, revelam a nova orientação do capital internacional de desindustrializar o Brasil, orientação oposta à que prevaleceu no período anterior, onde se instalaram milhares de multinacionais no país.



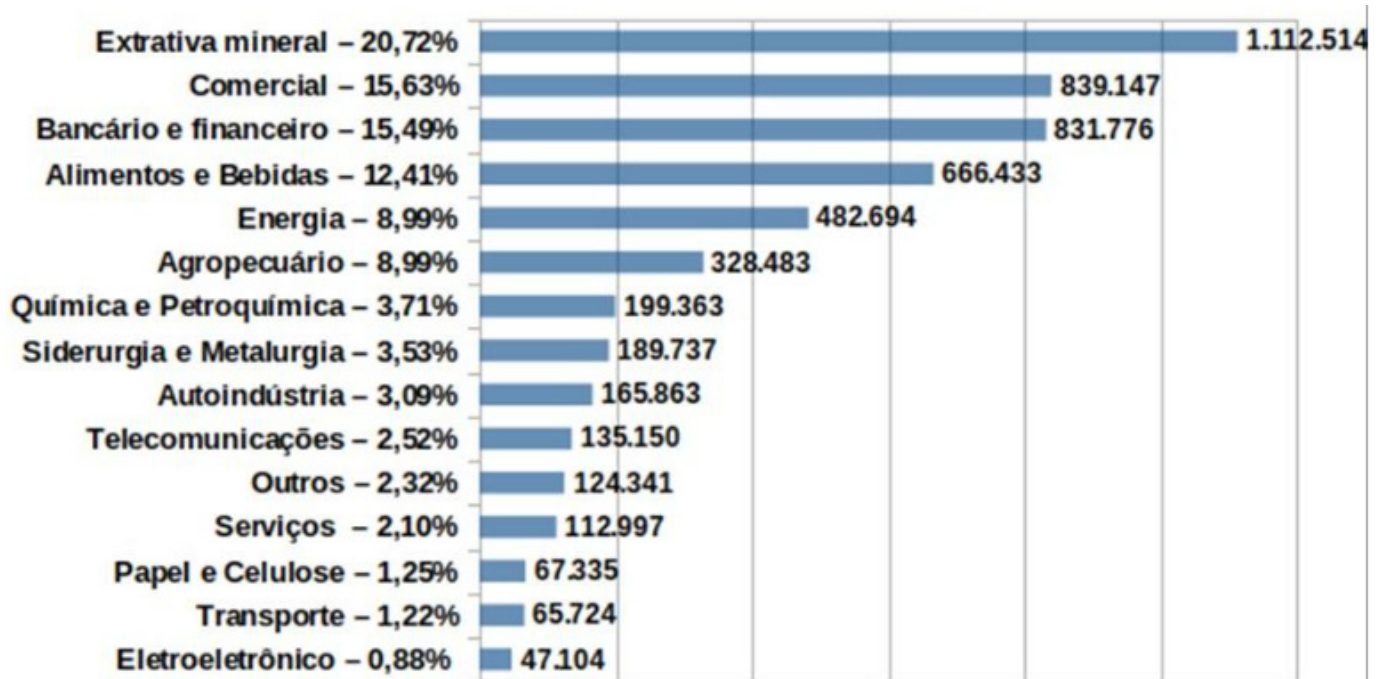
Burguesia de cara *nova*

As camadas mais importantes da burguesia são crescentemente as ligadas ao agronegócio, à mineração e energia,

os setores mais dinâmicos do capitalismo brasileiro hoje cuja propriedade, majoritariamente, é do capital internacional.

Divisão setorial dos 100 grandes grupos econômicos brasileiros (em milhões de reais)

Fonte: Banco Central



O setor industrial que produz aqui no Brasil está sendo paulatinamente substituído por uma burguesia importadora de produtos industriais estrangeiros. Essa é a base econômica de sustentação de

Bolsonaro, cujo centro é a pilhagem colonial do Brasil e a destruição das relações econômico-sociais do período anterior: emprego formal, férias, décimo terceiro, FGTS, organização sindical e política.

Uma nova *classe trabalhadora*

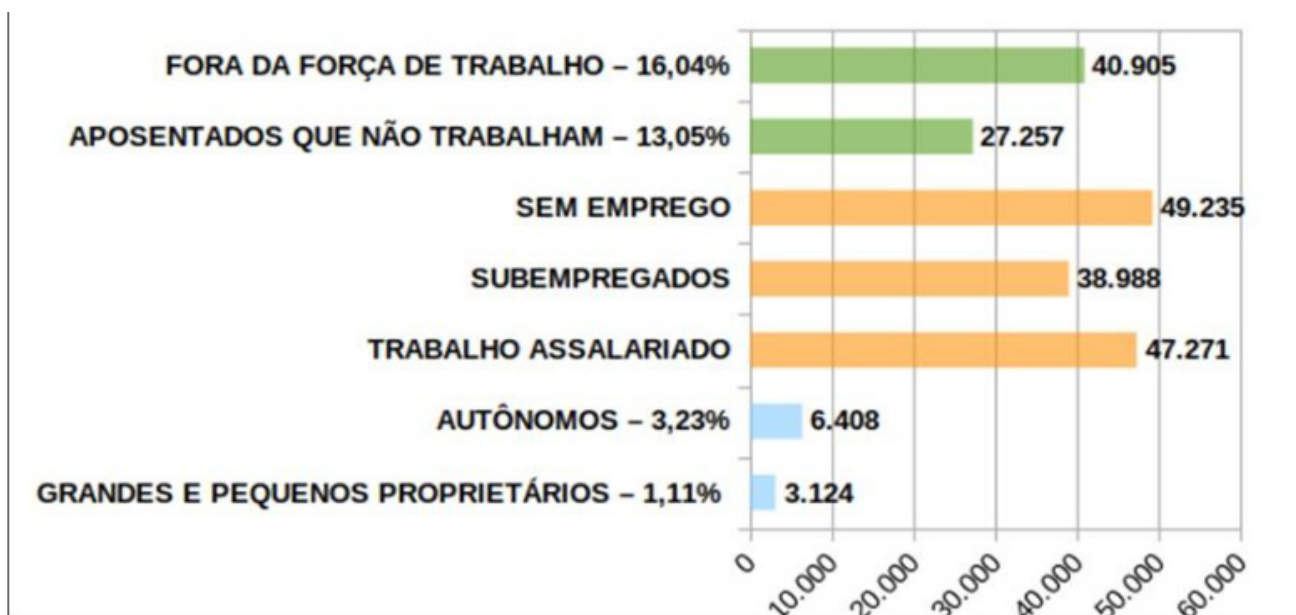
Também se processou uma mudança na classe trabalhadora brasileira: hoje ela é mais informal, sem carteira assinada, sem direitos trabalhistas ou jornada de trabalho fixada em lei, com empregos temporários

e bicos que se transformaram na regra da maioria da classe trabalhadora brasileira.

A este respeito, note-se a proporção dos sem-emprego e subempregados na distribuição das classes no país:

Divisão das classes sociais no Brasil - 2021 (em mil pessoas)

População total: 46,770 milhões de pessoas



Além disso, ela é majoritariamente negra, feminina e da periferia pobre das grandes cidades. Isso explica o porquê de estes setores oprimidos e explorados estarem na vanguarda das

lutas da classe trabalhadora. Está se formando uma classe trabalhadora precarizada, sem vínculos trabalhistas diretos, uma forma de semiescravidão moderna.

Por isto, no Brasil já temos quase 90 milhões de trabalhadores (as) no chamado exército industrial de reserva, ou seja, numa espécie de estoque de força de trabalho. Essa transformação, junto com a desindustrialização e o salto das importações, erodiu a base de sustentação dos sindicatos e das centrais sindicais, assim como do PT.

Diante dessa situação, Bolsonaro trata de atizar o ódio aos negros, às mulheres, aos indígenas, às LGBTIs, aos imigrantes, tentando atrair o setor branco e mais bem remunerado da classe trabalhadora para

seu lado. Jogar uns contra os outros é vital para a burguesia, que é uma minoria insignificante no Brasil, constituída por 3.950 grandes empresas com mais de 1000 funcionários.

Olhe por onde olhe, a grande burguesia, em qualquer circunstância, é numericamente insignificante. Mesmo se contássemos 5 donos por empresa e cada dono com 10 pessoas na família, a grande propriedade burguesa contaria com cerca de 200 mil pessoas ou 0,1% da população brasileira. Por isso, dividir para reinar é a palavra de ordem da classe dominante!



Dança das cadeiras entre os *partidos políticos*

São esses processos profundos na base da sociedade que *transformaram Bolsonaro no futuro do capitalismo brasileiro em decomposição*, cuja orientação do setor mais dinâmico da burguesia é de transformar o Brasil em uma miserável colônia. Esse mesmo movimento de retrocesso das relações sociais é o que joga o PSDB/PT na *defensiva total e em retrocesso, simbolizando o passado dessas relações econômicas, políticas e sociais que estão ficando para trás*.

O PSDB se acabou como o partido depositário da vontade majoritária da burguesia industrial brasileira porque a burguesia o abandonou ao migrar para uma nova orientação de destruição da indústria brasileira.

Assim, o PT agora é o partido da socialdemocracia brasileira, recebendo o apoio dos quadros históricos do PSDB. É o partido das reformas burguesas que, *formalmente*, defende o status quo do capitalismo industrial submetropolitano brasileiro, isto é, um programa social-liberal burguês cujos limites não permitem sequer anular as reformas trabalhista e

previdenciária, assim como a privatização acelerada da Petrobrás, realizadas por Bolsonaro.

O projeto que avança com *Bolsonaro é um retorno à economia colonial* que levou ao poder de Estado a burguesia do agronegócio, da mineração e da energia, associada a uma burguesia importadora (parasitária) de bens industriais.

Não é à toa que o maior “doador” financeiro da campanha bolsonarista é Rubens Ometto, usineiro do agronegócio e sócio da Shell (através da Raízen) na exploração do Brasil.

É a sustentação deste novo setor da burguesia que empodera Bolsonaro, ademais do apoio de um setor importante do imperialismo, encabeçado por Trump. A candidatura de Lula/Alckmin tem apoio do setor majoritário do imperialismo, com Biden à frente, porém o setor burguês que dá sustentação a chapa de Lula está em decadência no Brasil. Isto é o que está levando a que o PT se transforme em um partido social-liberal e que seu governo, caso seja vencedor, terá um perfil de unidade nacional com um setor da burguesia brasileira em decomposição.

Quando e por que a *ultradireita* tomou a ofensiva?

Os 51 milhões de votos que Bolsonaro teve no primeiro turno revelaram uma direitização na sociedade, na qual o setor mais dinâmico da burguesia impôs um debate de costumes reacionários e um avanço do projeto semifascista.

Bolsonaro, inclusive, impulsionou desde o poder central a preparação de uma guerra civil ao dividir a classe trabalhadora, ao armar centenas de milhares de CACs, ao ser sócio das máfias milicianas que dominam as favelas do Rio de Janeiro, ao ganhar um setor da classe média para a xenofobia contra pobres, pretos e mulheres pobres. A vitória política desta corrente semifascista expressou uma mudança na correlação de forças para a direita.

Mas em que momento houve a virada que permitiu chegarmos a esta situação? Os processos econômicos e sociais vimos acima e começamos a descobrir seu reflexo no sistema de partidos. Agora avancemos um pouco mais nesse terreno político.

Na maioria da esquerda, é quase uma unanimidade hoje dizer que a correlação de forças mudou com o impeachment de Dilma Rousseff. Porém, é uma análise superficial e equivocada. Ainda que o impeachment tenha mudado o peso dos partidos na política institucional do país, não mudou a correlação de forças na base da sociedade

brasileira. A prova disso é que a classe trabalhadora brasileira realizou uma das maiores greves gerais da história do Brasil, em abril de 2017, mostrando disposição para derrubar Michel Temer.

Naquele momento, era possível organizar as mobilizações de rua para a derrubada de Temer, que estava completamente isolado na população. O PT optou pela linha do Lula em 2018, para recuperar o poder pela via eleitoral, dando tempo ao inimigo de classe se recompor.

A subida de Bolsonaro representou uma derrota para os trabalhadores e sua ascensão ao poder, junto com o alto comando das Forças Armadas, consolidou esse retrocesso na correlação de forças. Durante a pandemia, abriu-se uma possibilidade de derrubar o presidente pela mobilização das massas. Novamente em nome da eleição, agora a de 2022, o PT retirou o time de campo, desmobilizando as manifestações de massas pelo “Fora Bolsonaro”.

Assim, foi se consolidando uma situação de retrocesso na luta da classe trabalhadora e de avanço do novo setor da burguesia, que *teve tempo para ganhar uma base social na classe trabalhadora e na classe média*, decepcionada com os 14 anos de governos petistas.

É necessário derrotar este projeto semifascista pela mobilização da classe trabalhadora. Esta tarefa começa por *desenvolver a consciência da classe trabalhadora contra todos os setores burgueses*, inclusive os que estão com Lula, que assim que cheguem ao poder vão se reconciliar com o alto comando das Forças Armadas e com a burguesia bolsonarista.

Quanto antes a classe trabalhadora brasileira entender que Bolsonaro não é um acidente histórico, que se trata de

uma *necessidade urgente* do capitalismo brasileiro em decomposição, que se trata de um instrumento cego da classe dominante brasileira para destruir o país a serviço da pilhagem colonial, que está preparando uma guerra civil contra a classe trabalhadora, especialmente seu setor mais explorado e oprimido, negros e negras da periferia, mais rapidamente chegaremos à conclusão de romper com o capitalismo e salvar o país da ruína e da rapinagem que o capital internacional já está promovendo.



Medidas para enfrentar a destruição e a pilhagem do Brasil

Toda a trajetória histórica da burguesia brasileira demonstrou que somente a classe trabalhadora, unida com a população pobre da cidade e do campo, pode salvar o Brasil da destruição e da pilhagem que o capital internacional está impondo ao nosso país.

Portanto, os trabalhadores mais conscientes devem se dotar de um

conjunto de propostas coerentes que permitam elevar o nível de consciência da classe trabalhadora em geral para romper com o sistema capitalista e avançar em direção ao socialismo, estatizando a grande propriedade burguesa no Brasil e colocando-a sob controle da maioria da população.

1

Deter, imediatamente, a destruição ambiental, é a primeira medida para recuperar a soberania nacional perdida!

2

Erradicar a fome via a estatização de toda a cadeia do agronegócio, da fazenda ao supermercado, realizando uma verdadeira reforma agrária, garantindo alimentos a preços baixos para o povo brasileiro.

3

Garantir pleno emprego com a redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais. Isto permitiria zerar o exército industrial de reserva e ainda duplicar a produção anual de riqueza do país.

4

Retomar a industrialização do Brasil, que garanta o desenvolvimento, o pleno emprego e possa acabar com a fome. Isso só é possível com a reestatização de todo o parque industrial privatizado: indústria siderúrgica, elétrica, petroquímica, telefônica, mineração, aeroespacial, de alta tecnologia, agricultura, bancos etc.

Esse plano simples poderia ser financiado através da estatização dos bancos e formação de um banco nacional único, do fim dos benefícios tributários aos grandes empresários, através da cobrança da dívida ativa das grandes empresas sob pena de estatização, da suspensão da remessa de lucros por 10 anos e da suspensão do pagamento da dívida interna e externa aos grandes investidores, de gravar um imposto progressivo sobre o lucro bruto das grandes empresas e um imposto progressivo sobre as grandes fortunas.



ILAESE

Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômicos



EXPEDIENTE

Contra-corrente é uma publicação mensal elaborada pelo ILAESE para os sindicatos, oposições sindicais e movimentos sociais. Contato: Rua Curitiba, 862, sala 307. Centro - Belo Horizonte - MG - CEP: 30170-124. Telefone: (31) 2520-2008 - (31) 9697-4672- ilaese@ilaese.org.br - www.ilaese.org.br. CNPJ 05.844.658/0001-01. Diagramação: Anna Sant'Anna.